



# O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Ana Paula Zorzan<sup>1</sup>, Cynthia Borges de Moura<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Mestranda em Ensino pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu – PR / Email: anapaula.zorzan@gmail.com

<sup>2</sup>Doutora em Psicologia Clínica - USP / Professora associada da UNIOESTE - PR / Email: cynthia-moura@hotmail.com

**Resumo:** Esta pesquisa aborda o desenvolvimento da oralidade na Educação Infantil. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo que tem como objetivo analisar as contribuições da utilização de gêneros discursivos no desenvolvimento da oralidade. O embasamento teórico parte da Teoria Histórico Cultural de Vygotsky e os estudos do Círculo de Bakhtin.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento, oralidade, gêneros discursivos, Educação Infantil.

## 1. Introdução

Entende-se por oralidade como a utilização do som produzido pela fala natural do sujeito, de acordo com os diversos ambientes contextuais e formalidades existentes. A pesquisa sobre esta faz-se necessária para entender como a criança se apropria da linguagem, uma das primeiras instituições com a qual tem contato. Quando a criança observa os gestos, movimentos ao seu redor e também começa a ouvir sons diversos, que possuem significados e passam a fazer sentido, ela se desenvolve e ocorre uma construção social, realizada através das interações.

Entende-se que a oralidade possibilita ao ser humano as diversas maneiras de interação condizentes com o contexto, o que se alinha com a de Teoria Histórico Cultural de Vygotsky e com os estudos do círculo de Bakhtin.

As mediações realizadas pelos educadores podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem, no campo do desenvolvimento da oralidade, priorizando os gêneros discursivos e sentidos da fala construídos pela criança através das interações.



## 2. O desenvolvimento da oralidade

A pesquisa tem como base a Teoria Histórico Cultural desenvolvida por Vygotsky, psicólogo russo que viveu entre 1896 e 1934 e os estudos do Círculo de Bakhtin, pensador e filósofo que viveu entre 1895 e 1975.

Bakhtin apresenta uma concepção de linguagem considerando que esta deve ser analisada em sua complexidade e entendida como um fenômeno socio-histórico-ideológico, compreendendo a língua em suas interações. Para o autor, a língua é um "fenômeno social". Trata dos gêneros do discurso e analisa como a ideologia se dá em cada época através dos signos, pois a ideologia está nas interações e o que predomina em cada época se concretiza na literatura, arte e, conseqüentemente, na linguagem.

Vygotsky apresenta uma teoria que relaciona pensamento e linguagem a partir dos princípios do Materialismo Histórico Dialético. O autor afirma que o desenvolvimento da linguagem se dá através de diversos comportamentos da criança. Este desenvolvimento acontece, primeiro, apoiando-se na "reação inata", isto é, como reflexo hereditário incondicional. Assim, será consolidado o desenvolvimento das reações condicionadas que surgem em seguida.

Segundo Vygotsky (2000) em seus primeiros anos de vida, a criança apresenta movimentos desordenados, até mesmo de reações vocais. Posteriormente, essa reação vocal passa a se diferenciar aos poucos e chega em uma definição mais centrada. Diversos movimentos acabam e permanecem somente as expressões do rosto e dos braços que demonstram reação à fala. No final, as reações vocais se sobressaem em relação às demais.

[...] Quem ignora, na base de uma simples observação, que o grito da criança com fome é diferente da criança saciada? A mudança que produz-se no estado geral do organismo tem como consequência que se modifiquem também as reações emocionais e a reação vocal (VYGOTSKY, 2000, P. 171, tradução nossa)

O mesmo autor afirma que o grito é, a princípio, um comportamento incondicionado, uma das bases em que a linguagem se constrói. É impossível



determinar quantas são as reações inatas que constituem o grito, porém, é preciso afirmar que não há, apenas, um reflexo incondicionado.

"[...] já nas primeiras semanas de vida da criança produz-se uma mudança que é própria de todo o reflexo condicionado. As reações vocais da criança, que se repetem em determinadas situações, que se combinam entre elas com estímulos condicionados e formam parte das mesmas, vão se transformando com grande rapidez, já nas primeiras semanas de sua vida em reflexos vocais condicionados. Não somente os diversos estímulos internos incondicionais produzem essa mudança, mas também os condicionantes que se combinam com várias reações inatas da criança." (VYGOTSKY, 2000, p. 169, tradução nossa).

Vygotsky (2000) explica que inicialmente a criança reage ao ver qualquer pessoa e, depois de um tempo, em que começa a diferenciá-las, reage apenas quando vê alguém da família, mais próxima, ou a pessoa que a alimenta. As reações não acontecem separadamente umas das outras. [...] Nunca há uma única reação vocal na criança; sempre é observada uma série de movimentos, entre os quais a reação vocal é apenas uma parte ou um elemento [...]" (VYGOTSKY, 2000, p.170), tradução nossa.

Vygotsky (2000) destaca que a primeira função da reação vocal é demonstrar o estado emocional do indivíduo e, depois de se tornar um reflexo condicionado, sua função passa a ser o contato social. Durante o primeiro ano de vida da criança as reações vocais são incondicionadas. É por meio da diferenciação que acontece o desenvolvimento da reação vocal condicionada e é ela que vai cumprir o papel do contato social.

Bakhtin (1997) afirma que o locutor usa da língua para suprir suas necessidades de comunicação, por isso, utiliza suas normas para que haja significação em sua fala em determinado contexto. "[...] para o locutor o que importa é aquilo que permite que a forma linguística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada" (BAKHTIN, 1997, p. 92-93). Para isso, também precisa considerar o receptor, pois esta necessita compreender o que foi dito dentro de um contexto concreto, ou seja, o seu significado em determinada enunciação particular. Desse modo, a linguagem no círculo de Bakhtin é compreendida como signo ideológico por excelência, que muda de acordo com o contexto em que as



interações entre os sujeitos ocorrem, dialogicamente, em dado momento histórico tendo influência do contexto socio-histórico-ideológico em que ocorrem esses diálogos e as mudanças subjacentes a ele.

Jobim e Souza (2012) afirma que "[...] as regras da língua naturalmente existem, mas seu domínio é limitado e elas não podem ser compreendidas como explicação potencial de tudo [...]" (JOBIM E SOUZA, 2012, p. 98). Ainda destaca que há muitas maneiras diferentes de falar, há uma diversidade que considera uma "experiência social".

Para Vygotsky (2000) é necessário considerar que há diferença entre o desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento do pensamento. Por exemplo, não há como garantir que a criança sabe o que irá acontecer quando ela grita, que ela imagina qual será a reação dos adultos ali presentes. Não se pode comparar seu grito com as nossas atitudes que são intencionais. Isso significa que o desenvolvimento da linguagem não está, ao menos inicialmente, ligado ao desenvolvimento do pensamento. "De acordo com o que mostram as pesquisas, não apenas a linguagem se desenvolve independentemente do pensamento a princípio, mas o pensamento se desenvolve independentemente da linguagem [...]" (VYGOTSKY, 2000, p. 172), tradução nossa).

Porém, tem que se considerar que, em determinado momento, a linguagem e o pensamento se encontram em sua trajetória. "[...] A linguagem se intelectualiza, se une ao pensamento e o pensamento se verbaliza, se une a linguagem [...]" (VYGOTSKY, 2000, p. 172), tradução nossa.

Segundo Bakhtin (1997) o sistema linguístico se constitui em signos como algo material, enquanto um sistema normativo tem caráter social. Isso significa que, do ponto de vista individual, pode representar um sistema com normativas rigorosas. Socialmente falando, "[...] a língua apresenta-se como uma corrente evolutiva ininterrupta [...]" (BAKHTIN, 1997, p. 90).

Em relação ao desenvolvimento da linguagem, a oralidade cumpre uma função importante na comunicação, possibilita o fortalecimento da autonomia e a percepção de si como um sujeito ativo nas diversas práticas sociais.



Franchi (1995) destaca que para o desenvolvimento da linguagem, na educação infantil, é de suma importância que aconteça em situações cotidianas, em conversas que tenham sentido e façam parte da rotina da criança. "[...] a linguagem se constrói e se interpreta em situações dialogais reais, isto é, quando o tema, o modo, a forma da conversa e a própria conversa resultam de uma conveniência vital [...]" (FRANCHI, 1995, p. 49). Ainda ressalta a necessidade de se desenvolver atividades como dramatizações com as crianças para que estruturam suas expressões.

A infância pré-escolar é território em que as possibilidades de um desenvolvimento pleno podem ser definidas, de maneira que o trabalho torne-se um facilitador de aprendizagem para a criança e amplie suas potencialidades, sobretudo no campo da linguagem.

Segundo Muniz (1999) é nas interações sociais que se constrói o conhecimento, isso significa que o indivíduo é formado de acordo com a cultura e o meio social em que vive. Destaca que a atividade do indivíduo é encarada como a interação realizada por meio dos "signos linguísticos" que foram construídos em "interações sociais".

Ramos (1997) enfatiza que a norma culta, nada mais é, que a utilização da língua pelo dialeto socialmente mais prestigiado.

[...] Ao longo dos períodos históricos, determinada variedade sempre alça sobre as demais, por corresponder aos usos de determinado segmento da sociedade, precisamente aquele que desfruta de prestígio dentro da comunidade maior, em virtude de razões políticas, econômicas e culturais [...] (RAMOS, 1997, p. 4).

A autora ainda afirma que é necessário ensinar a norma culta para as crianças das classes desfavorecidas, para que tenham acesso a qualquer tipo de texto, escritos ou não, e possam compreendê-lo.

### 3. Considerações Finais

É importante possibilitar às crianças uma proposta que leve em consideração o contexto, com ações que atribuam sentido e assim, construam suas relações e conhecimentos.



Muniz (1999) destaca que o conhecimento é construído nas interações, ou seja, o meio social em que o indivíduo está inserido vai influenciar diretamente na sua formação. É através da interação por meio de "signos linguísticos" que acontece o desenvolvimento da oralidade.

Vygotsky (2000) destaca que a criança aprende as palavras com o adulto, quando assimila uma palavra e a relaciona a uma imagem que a representa. "En el niño, que recibe cada palabra concreta de nosotros, se establece una conexión directa entre la palabra dada y el objeto correspondiente [...]" (VYGOTSKY, 2000, p. 180). A partir dos dois anos, em sua maioria, o vocabulário da criança cresce rapidamente. Esta é a fase em que costumam fazer várias perguntas e conhecer o nome dos objetos. Primeiramente, entende a relação externa entre o objeto e a palavra e não a relação interna entre o signo e o significado.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). Língua, fala e enunciação. In: BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 90-109.

FRANCHI, Eglê Pontes. A fala das crianças nas "brincadeiras de círculo". In: FRANCHI, Eglê Pontes. **Pedagogia da alfabetização: da oralidade à escrita**. 4º ed. São Paulo: Cortez, 1995, p. 27-85.

JOBIM e SOUZA, Solange. Bakhtin: a dimensão ideológica e dialógica da linguagem. In: JOBIM e SOUZA, Solange. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. 13º ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012, p. 97-121.

MUNIZ, Luciana. Naturalmente criança: a educação infantil de uma perspectiva sociocultural. In: KRAMER, Sônia Et. Al. **Infância e Educação Infantil**. Campinas, SP: Papyrus, 1999, p. 243-268.

RAMOS, Jânia M. Conceitos básicos. In: RAMOS, Jânia M. **O espaço da oralidade na sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 01-12.

VYGOTSKI, L. S. Desarrollo Del lenguaje oral. In: VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas III**. Madrid: Visor, 2000, p. 169-182.